

A FRAGILIDADE DOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS NA PÓS-MODERNIDADE

Ruan Gama Rehem Barreto¹

Adailton Conceição de Souza²

RESUMO

Na sociedade atual, pós-moderna, individualista e hedonista, os relacionamentos amorosos tendem a ser efêmeros. Os indivíduos são declarados os únicos responsáveis pelo seu próprio prazer e, a partir disso, elaboram novas formas de se relacionar com o outro, com o objetivo de estabelecer e consumir o prazer instantâneo sem a preocupação e a necessidade de se vivenciar aquilo que consideram desagradável nos relacionamentos. A presente pesquisa, baseada em saberes sociológicos, filosóficos e psicológicos, procurou demonstrar como a cultura individualista, a concepção do amor e os modelos familiares têm influenciado as relações amorosas efêmeras na contemporaneidade.

Palavras-Chaves: Relacionamento amoroso. Individualismo pós-moderno. Hedonismo. Amor. Modelo familiar.

ABSTRACT

In today's society, postmodern, individualistic and hedonistic, loving relationships tend to be ephemeral. Individuals are declared solely responsible for your own pleasure and that from the elaborate new ways of relating to each other in order to establish and consume the instant pleasure without the worry and the need to experience what they consider unpleasant in relationships. This research based on sociology, philosophy and psychology sought to demonstrate how the individualistic culture, the concept of love and family models have influenced the ephemeral love affairs in the actually.

KEYWORDS: Love relationship. Postmodern individualism. Hedonism. Love. Family model.

1. INTRODUÇÃO

Após pesquisas acerca de temas que fazem parte do cotidiano - em particular os relacionamentos amorosos e suas consequências – foi decidido fazer um estudo científico, que procura entender a mudança nas características e no comportamento dos relacionamentos amorosos na última década. Desta maneira, a presente pesquisa surge a partir da observação deste período sob a perspectiva de análise dessas novas maneiras de relacionamentos.

A mudança na rotina, na maneira de pensar e na maneira de agir é uma constância em nossas vidas. Na maneira de se relacionar, também não é diferente. Os novos relacionamentos estão criando uma nova característica: o do ser descartável. Uma corrente de comportamentos amorosos como sexo sem compromisso, a priorização acerca da quantidade ao invés da qualidade, a troca frequente de parceiros nos relacionamentos, bem como sua curta duração, a valorização exacerbada da beleza física e a desvalorização das características

¹ Graduando em bacharel de psicologia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências. E-mail: rgrbarreto@gmail.com

² Psicólogo, Cientista Social, Especialista em psicologia clínica, Mestrando em estudos interdisciplinares sobre a universidade pela Universidade Federal da Bahia. Docente da Faculdade de Tecnologia e Ciências – Campus Salvador e da Fundação Visconde de Cairu. E-mail: adailtonsouza12@gmail.com.

intimas das pessoas, demonstra que os novos relacionamentos tendem a ser mais frágeis.

Assim sendo, estudaremos sobre os laços amorosos efêmeros. Quando os mesmos são observados mais profundamente, fica claro que essa liquidez está diretamente ligada ao momento ideológico que estamos vivendo. Schopenhauer (2009) nos remete a refletir sobre a mudança de valores que encontramos hoje. Para o filósofo citado, existem três representações de cada indivíduo: aquilo que *alguém é*, aquilo que *alguém tem* e aquilo que *alguém representa*. Segundo ele, o ideal seria que primordialmente houvesse uma preocupação em cultivar a essência do ser humano, ou seja, aquilo que ele é. Entretanto, observamos hoje, o *que possuímos* vem em primeira instância, seguido *do que representamos*, para que a partir disso trabalhemos *quem realmente somos*.

A partir dessa leitura selvagem acerca da análise de Schopenhauer sobre o indivíduo em seu contexto, percebemos que a valorização das nossas posses e a forma como tratamos elas interfere e estimula a nossa maneira de agir em nossos relacionamentos cotidianos.

“Relacionamento é o assunto mais quente do momento, e aparentemente o único jogo que vale a pena, apesar de seus óbvios riscos.” (BAUMAN, 2004, p. 9).

Tal citação é um fato desde os primórdios da nossa existência na terra, o ser humano sempre buscou se relacionar amorosamente, seja para a procriação ou para o estabelecimento de uma família que como consequência, se caracteriza, ou pelo menos caracterizava, o cumprimento de um papel social.

“Não admira que os ‘relacionamentos’ estejam entre os principais motores do atual ‘boom do aconselhamento’. A complexidade é densa, persistente e difícil demais para ser desfeita ou destrinchada sem auxílio” (BAUMAN, 2004, p. 9). Talvez a própria ideia de relacionamento contribua para essa confusão. Todo relacionamento possui seu mel e seu fel. Hoje as pessoas procuram viver a fase deliciosa do relacionamento, mas evitam ao máximo conviver com a parte amarga e penosa. Quando esta última aparece, procuram substituir ou romper para que o sofrimento não seja tão profundo. Hoje ainda há a corrente de relações que Bauman (2004) nomeia de *relações de bolso*, são aquelas relações que estabelecem regras/acordos que visam simplesmente a convivência da parte agradável e gostosa

da relação, quando nota-se algo que não foi negociado, segue adiante (quero dizer, acaba-se e substitui o parceiro (a)) sem remorso ou culpa.

Vale ressaltar que o tema proposto a ser pesquisado (A fragilidade das relações amorosas na contemporaneidade) tem como referência base, o sociólogo Zygmunt Bauman e o filósofo, Gilles Lipovetsky, desta maneira essa pesquisa irá valorizar o pensamento interdisciplinar. Na sociologia, filosofia e antropologia tal tema é conhecido. Porém, na perspectiva da psicologia há pouco sobre o assunto pesquisado, desta maneira vamos procurar contribuir com esse ponto de vista, afinal vem sendo apresentada uma demanda acerca do tema nas clínicas, CAPS e outras instituições onde o profissional de psicologia exerce sua função.

“A forma como as relações sejam amoras ou não se estabelecem, bem como a maneira como o ser humano se relaciona afetivamente e sexualmente com o outro, o que este irá procurar em um parceiro, será determinado e configurado pelo período histórico no qual esse individuo está inserido”. (IMBELLONI E SCHMITT, 2011, p. 1).

Portanto, podemos afirmar que inevitavelmente, a compreensão dos relacionamentos interpessoais, e a relação amorosa entre duas pessoas apenas é possível ao se considerar o contexto histórico que configura a família, em como a sociedade influencia o individuo e como ele se coloca frente a essa influência.

Sabendo que a intergeracionalidade engloba os aspectos positivos de herança entre gerações, como afetos, papéis sociais e padrões de comportamento, bem como os fatores tidos como negativos, agressividade, psicopatologias e patologias, a maneira de interpretar e se comportar frente a um relacionamento amoroso durável ou não, também está inserido neste conceito. De acordo com Baptista, Cardoso e Gomes (2012) a base para a compreensão do conceito da intergeracionalidade é que enquanto crianças, nós imitamos os adultos que tomamos como modelos e de fato, a família é a primeira instituição com a qual a maioria dos indivíduos mantém contato e pela qual são aprendidas as primeiras convenções sociais e são desenvolvidos os principais padrões de comportamento, pois nela se concentram modelos de relações sociais dos seus membros. A partir de determinado tempo, reflexão e as consequências dos nossos comportamentos, nós vamos escolhendo qual modelo será seguido ou não, reflete Baptista, Cardoso e Gomes (2012).

Recortando para os relacionamentos atuais sob a perspectiva acima esclarecida de maneira resumida, observamos que o questionamento é sobre se

buscaremos relacionamentos não duradouros ou se vamos tentar estabelecer um relacionamento amoroso durável. Essa escolha será pautada além da influência cultural, nas nossas referências familiares, ou seja, dependerá do modelo de família que queremos e seguimos.

Desta maneira, o trabalho apresentado se caracteriza como uma pesquisa teórica científica de abordagem qualitativa e natureza explicativa, tendo como base para sua elaboração uma revisão bibliográfica acerca do tema proposto. O questionamento que norteia essa pesquisa é como a cultura individualista tem influenciado as relações amorosas efêmeras na atualidade. Neste sentido, essa pesquisa procurará ilustrar o momento histórico e a influencia que legitima e estimula o comportamento da liquidez nos relacionamentos, buscaremos também estabelecer uma relação entre a percepção da intergeracionalidade e a sua influencia frente a essa nova forma de se relacionar, além da relação entre o individualismo e as concepções de amor atualmente.

Para tanto, necessitamos perceber em primeira instância, que estamos inseridos em uma cultura que preza pelo individualismo, o que proporciona uma maior flexibilidade, fragilidade e conseqüentemente, fluidez nas relações interpessoais. Isso colabora para que as novas formas de relacionamento se tornem cada vez mais descartáveis.

Desta maneira, os comportamentos/relacionamentos baseados pela intolerância a frustração são uma maneira de evitar/fugir do sofrimento. Outra variável importante para o entendimento do tema é que o núcleo familiar, bem como a cultura é de importante relevância para a construção desse pensamento.

2. INDIVIDUALISMO PÓS-MODERNO E SUAS REPERCUSSÕES NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS

Para refletir sobre relacionamentos amorosos na atualidade, faz-se necessário perceber a influência do individualismo na sociedade pós-moderna (vale ressaltar que vamos adotar o período de 1960 até os dias atuais, como pós-moderno).

Lipovetsky (2005) afirma que a pós-modernidade se caracteriza por ser uma era pós-moralista. Segundo o referido autor, nos encontramos atualmente no “fim de

uma época de valorização do sacrifício e de condenação do prazer, a derrocada de uma moral rigorista e o surgimento de uma era polissêmica de elaboração ética *à La carte*.” (LIPOVETSKY, 2005, p. 10).

O autor supracitado acrescenta que “após séculos de dominação das ideias de sacrifício e castigo, obediência e recompensa, entramos num tempo de valorização dos desejos, de liberação dos prazeres e de produção do corpo.” (LIPOVETSKY, 2005, p. 12). Desta forma, percebemos uma corrente hedonista na sociedade pós-moderna, onde determina de maneira sutil que o indivíduo deve valorizar mais a si do que aos outros, no sentido de buscar o prazer, tornando-se assim “o senhor e possuidor da própria vida”, ou seja, em linhas gerais o sujeito deve viver mais para si próprio.

“Vive-se numa sociedade em que as pessoas não mais se permitem ficar tristes, não toleram o fato de serem frustradas. Instalou-se uma ordem social segundo a qual as pessoas valem pelo que aparentam, e não pelo que são, predominando, cada vez mais, o individualismo.” (SOUZA, SANTO E SILVA, 2009, p. 1).

Neste sentido, percebemos que uma das maneiras de evitar a frustração é estabelecer regras para o relacionamento que não ocasione sofrimento posterior, deste modo, o casal vivencia o laço afetivo até o momento em que não exista divergência ou o sentimento de propriedade.

Neste momento histórico, no caso a pós-modernidade, “a liberdade individual é supervalorizada, sendo entendida como viver como bem quiser ter várias opções e ser livre para escolher.” (VIEIRA E STENGEL, 2010, p. 4).

Assim sendo, a escolha será fundamentada naquilo que a pessoa acredita que irá satisfazer a sua necessidade, que irá proporcionar o seu prazer, ou seja, a escolha será motivada pelo que a pessoa pensa ser o ideal de companheiro(a).

Refletindo sobre esses aspectos, podemos compreender então que o indivíduo da pós-modernidade é “responsabilizado pelo seu próprio bem-estar, pela construção de seu projeto de vida, pela satisfação de suas necessidades, pelo planejamento de sua vida.” (VIEIRA E STENGEL, 2010, p. 4). Ainda nessa lógica, percebemos que a noção de responsabilidade passa a ter um viés narcísico, representando as preocupações do indivíduo apenas com o seu bem estar.

Tal bem estar é no mínimo, questionável, quando pensamos em uma

“Cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não

exijam esforços prolongados, receita testada, garantia de seguro total, e devolução do dinheiro.” (BAUMAN, 2004, p. 21).

Estamos na era das motivações íntimas e existenciais, da gratificação psicológica, do prazer para si mesmo, da qualidade e da utilidade das coisas que assume o posto, acrescenta Lypovetsky (2009).

Assim sendo, quando fazemos o recorte para as relações efêmeras notamos que hoje, cada indivíduo, usa tais relações, tal como outros bens de consumo, que são usualmente consumidas instantaneamente e geralmente descartadas, após o seu objetivo (de sentir prazer) ter sido atendido.

“Observa-se que o amor está baseado só na atração sexual e na realização e consumação desta, onde pode-se notar, nos relacionamentos instantâneos e no ficar, onde encontra-se um amor não duradouro, posto não haver interação, vínculo e diversos outros fatores que são fundamentais para a base dos relacionamentos.” (IMBELLONI ESCHMITT, 2011, p. 4).

Corroborando com a premissa acima citada, Bauman (2004) traz uma das regras, percebida por ele, a respeito dessa nova e frágil maneira de amar. Segundo ele, “Quando nota-se alguma coisa, que você não negociou e/ou para a qual não liga, ‘é hora de seguir adiante’. É o tráfego que sustenta todo o prazer.”. (BAUMAN, 2004, p. 30).

A partir disso, ao contrário de uma escolha pessoal do tipo “pegar ou largar”, não está em seu poder evitar que o parceiro ou parceira prefira sair do negócio. Afinal, estamos vivendo um período onde os indivíduos são utilizados como bens, como objetos, que enquanto estão em perfeito estado valem e se mantêm no lugar, caso não estejam mais em perfeito estado, caso aparentem dor, sofrimento, desgaste, reflete Imbelloni e Schmitt (2011), serão descartados, assim como esses objetos. “Há muito pouco que você possa fazer para mudar essa decisão a seu favor. Para o seu parceiro, você é a ação a ser vendida ou o prejuízo a ser eliminado – e ninguém consulta as ações antes de devolvê-las ao mercado, nem os prejuízos antes de cortá-los.” (BAUMAN, 2004, p. 30).

Outro aspecto peculiar desse período é a construção da identidade do sujeito, através dos produtos que são consumidos e não mais pelas atividades que o indivíduo desempenha. Qualquer pessoa pode ser quem desejar, basta consumir determinado produto. A questão da individualidade, do direito de escolha, a velocidade do consumo, influencia para que tudo se torne menos útil a cada momento, havendo assim a descartabilidade tanto dos objetos, como das relações.

Segundo Lypovetsky (2005), a sedução tem a finalidade que consiste essencialmente em multiplicar e diversificar a oferta, em oferecer mais para que você possa escolher melhor, em substituir a indução informe pela livre escolha, a homogeneidade pela pluralidade, a austeridade pela satisfação dos desejos. Vale a pena frisar que o que o referido autor chama de sedução, entendemos de lógica consumista. Lógica essa que promove o processo de personalização, reduz os quadros rígidos e coercitivos, funciona com suavidade respeitando as inclinações do indivíduo, seu bem-estar, sua “liberdade” e seus interesses.

Lypovetsky (2009) estimula a percebermos que nessa lógica da cultura pós-moderna a educação, que era autoritária, tornou-se compreensiva, atenta as necessidades/desejos das crianças e dos adolescentes enquanto a corrente hedonista elimina a culpa do tempo livre e encoraja a nossa entrega a ele, sem resistência, aumentando a nossa quantidade de lazeres. Além disso, também é possível perceber que a oferta e a procura funcionam pelo novo:

“nosso sistema econômico é arrastado numa espiral onde a inovação grande ou pequena é rainha, onde o desuso se acelera e que as pessoas bem como as diversas maneiras de relacionamentos acompanham o ritmo e a característica do mercado financeiro.” (LYPOVETSKY, 2009, p. 185).

A única diferença entre o mercado e as relações é que os consumidores estão menos deslumbrados com a beleza dos utensílios, informam-se mais sobre a qualidade dos produtos, comparam seus méritos, buscam excelência e facilidade na operatividade, como afirma Lypovetsky (2009), enquanto que primordialmente nos relacionamentos está sendo valorizadas as características físicas, ou seja, quanto mais parecido com o ideal de beleza maior probabilidade de possuir várias parcerias amorosas superficiais. Segundo o autor mencionado anteriormente, nossa sociedade não é dominada pela lógica da mediocridade e da banalidade. O que faz a diferença é cada vez menos a elegância formal e cada vez mais as performances técnicas, a qualidade dos materiais, o conforto e a sofisticação dos equipamentos.

Importante pontuar que dificilmente se consome um objeto por ele mesmo ou por seu valor de uso, mas em razão de seu “valor de signo”, reflete Lypovetsky (2009), isto é, em razão do prestígio, do status, da posição social que confere. Podemos inferir com isso que o consumismo pós-moderno, a febre das novidades não encontra sua fonte de motivação do prazer, mas há necessidade de mostrar aquilo que se tem para outro, para assim ter algum tipo de aprovação ou status.

Com isso, percebemos novamente a valorização do ter ao invés do ser. Imbelloni e Schmitt (2011) afirmam que o valor das pessoas atualmente está naquilo que aparentam ser e não pelo que são consagrando-se assim cada vez mais o individualismo. Em inúmeros casos, “a compra de um carro, de uma segunda residência, de artigos de grifes de alta linha remete a uma vontade explícita de demarcar-se socialmente, de exibir uma posição.” (LYPOVETSKY, 2009, p. 202). Imbelloni e Schmitt (2011) complementam refletindo sobre essa dicotomia (ter e ser). Afirmam que essa lógica legítima e influencia essa cultura do descartê, onde as pessoas se relacionam com as outras até o ponto em que estas pessoas permaneçam objeto de seu interesse, ou até que apareça alguém que se torne uma melhor opção para outra, tornando-se assim mercadorias, meros produtos de consumo.

3. A IDÉIA DE AMOR EM TEMPOS DE NARCISO

Em uma sociedade que estimula as pessoas a se encantarem consigo mesmas, obcecadas pelo ideal de beleza e profundamente inseridas na fantasia do prazer constante, o amor é um sentimento fraco e utópico. “Se, na versão dos tempos modernos, o amor romântico significava desafio e esforço para o crescimento dos parceiros, nos tempos de narciso é o amor perfeito, mágico, raro e, no mais das vezes, natimorto.” (RIOS, 2008, p 10).

A autora citada anteriormente acrescenta ainda que “homens e mulheres se ressentem do egoísmo e da superficialidade nos relacionamentos. Para ambos, o amor romântico continua atraente, é sucesso garantido nas novelas: idealizado, puro e completo.” (RIOS, 2008, p 9).

A queixa comum para homens e mulheres é o de se sentir só, mesmo que acompanhado. Ainda que esperem encontrar uma pessoa que possua as características, os objetivos de vida, as qualidades que nós idealizamos durante o nosso desenvolvimento enquanto pessoa, ficamos à procura da parceria amorosa que irá durar por toda a vida, aquela pessoa que “irá nos fazer feliz”, a nossa “metade da nossa laranja”.

Podemos perceber uma característica bem nítida do individualismo pós-moderno nessa concepção de amor/parceiro ideal. Você ama a pessoa e, ao invés

de desejar o bem dela, você se preocupa primordialmente com o seu próprio bem-estar, então esse alguém que você ama se torna responsável pela sua felicidade. Essa concepção caracteriza grande parte dos relacionamentos na contemporaneidade, possuindo desta forma a crença de que a pessoa é um tipo de objeto que possui dono e tem o objetivo de te proporcionar prazer e bem-estar. Essa ideia baseada no consumismo está impregnada na nossa realidade, por sermos induzidos a dar valor e ter apego sobre tudo o que nos rodeia, temos a ideia distorcida de que para amar alguém, nós precisamos ter/possuir esse alguém. Esquecemos que as pessoas não são objetos para possuírem donos, muito menos softwares programados a corresponder com as nossas expectativas.

É nesse ponto que observamos a fragilidade dos relacionamentos. Este é um dos motivos de acordo com Rios (2008) para que discussões, decepções e término aconteçam: nós criamos expectativas, ideais de atitudes, de comportamentos e a pessoa que nós dizemos amar, não corresponde da maneira que nós idealizamos - vale ressaltar que essa nossa concepção de “como o outro deveria agir” é baseada em ideais distorcidos construídos durante a nossa história de vida e na nossa cultura que objetivam simplesmente o nosso prazer. Assim sendo, percebemos que a pessoa está infringindo o contrato pré-estabelecido não dito, e nos sentimos livres e sem remorso para descartar o relacionamento.

Bauman (2004) corrobora com a premissa supracitada afirmando que temos opiniões definidas sobre como fazer as coisas e sobre como os outros deveriam ser. O sociólogo afirma que “essas opiniões carecem de critério, pois, quanto mais definitivas, mais necessário se torna que evitemos ser confundidos por uma compreensão excessiva daqueles que devem ser mudados [...] eis aí a possessividade amorosa.” (BAUMAN, 2004, p.32).

Em contrapartida a esse amor possessivo e egoísta, temos o amor genuíno explicitado por Palmo (2014), que propõe o inverso, sugere construir um relacionamento amoroso já se sentindo preenchido por si mesmo e caso resolva ter um relacionamento amoroso com alguém, que faça visando à felicidade da outra pessoa, não esperando que ela te complete, ou seja, em vez de esperar que o outro supra essa sensação de bem estar que você não tem sozinho (a), procure maneiras de ser feliz consigo mesmo e tenha sentimentos para com a pessoa simplesmente por ela ser quem é, permitindo e admirando-a ser feliz. Em outras palavras, não

procure sua metade da laranja, afinal você já é uma laranja completa! Encontre outra laranja completa para serem felizes juntos. Essa corrente de pensamento faz uma crítica ao amor romântico afirmando que ele é frágil, pois quando é percebido que as pessoas são reais, comuns e tem defeitos e não são, aquilo que pensavam, o relacionamento fica complicado. Existem duas saídas para essa situação: Ou mantém o comportamento da sociedade atual de descartar os objetos que estão com defeitos e precisam de empenho, paciência e conserto ou tentam trabalhar para melhorar o relacionamento. Corroborando com a premissa, acima Bauman (2004) metaforiza sobre essa situação:

“O que dizer de uma balsa com um marinheiro inexperiente que, criado na era dos acessórios, nunca teve a oportunidade de aprender a arte dos reparos? Nenhum marinheiro atualizado perderia tempo consertando uma peça sem condições para a navegação, preferindo troca-la por outra sobressalente. Mas na balsa do relacionamento não há peças sobressalentes.” (BAUMAN, 2004, p. 31).

O sexo também não escapa da ideologia consumista do mais querer, que produz o rápido esgotamento do que se tem. “Acumulam-se casos e histórias como se acumulam coisas. E deles se descarta do mesmo jeito.” (RIOS, 2008, p. 7). Nessa lógica, é estimulada a ginástica do sexo (seguro e em grande quantidade), com muita diversificação não só de parceiros, como de técnicas, acessórios e cenários.

“Menos de 40 anos atrás tudo isso ainda era uma utopia. A moral rigorista ocidental fazia do homem o chefe de família, a autoridade paterna, a voz incontestável, o esteio da sociedade no microcosmo do lar. A mulher vivia em situação secundária, praticamente sem direito ao prazer, ao orgasmo, à liberdade sexual e à vida profissional. Não se estava numa sociedade de escolha, mas numa teia coercitiva. Família, igreja, pátria, partido e ideologia dominavam a cena social e serviam de pastores e de sentido para a existência, obrigando a conformar-se, a entrar numa forma, a tomar a forma de mundo moralmente determinado, sexista e produtivista.” (LYPOVETSKY, 2005, p. 11).

Muitas dessas mudanças de comportamento aconteceram devido à mudança do papel da mulher na sociedade. Há algum tempo atrás a mulher devia sacrificar-se pelo marido e pelos filhos. Já o homem devia sacrificar-se pela família, pela pátria e pelo trabalho, mas, com a pós-modernidade, reflete Lypovetsky (2005), a manipulação cedeu lugar à sedução; a imposição foi obrigada a transformar-se em conquista; cada um deve aderir a um valor, não mais ser obrigado a submeter-se a ele.

Lypovetsky (2009) informa que uma pesquisa de 1983 revelava que 29% dos refrigeradores possuídos pelas pessoas entrevistadas tinham mais de dez anos. Se observarmos o momento histórico da produção de objetos de consumo geral nos dias atuais, percebemos que a produção deles visa à baixa durabilidade para que seja necessário trocar por novos e com melhores performances. Bauman (2004) colabora com a ideia acrescentando que hoje, automóveis em bom estado e em condições de funcionamento satisfatório, são considerados, sem remorso, como um monte de lixo no instante em que “novas e aperfeiçoadas versões” aparecem nas lojas e se tornam o assunto do momento. “Alguma razão para que as parcerias sejam consideradas uma exceção à regra?” (BAUMAN, 2004, p. 28).

No sentido dessa lógica, percebemos, então que:

“A parceria segue o padrão do consumismo e não exige mais que as habilidades de um consumidor médio, moderadamente experiente. Tal como outros bens de consumo, ela deve ser consumida instantaneamente (não requer maiores treinamentos nem uma preparação prolongada) e usada uma só vez, ‘sem preconceito’ qualificando essa relação, eminentemente descartável.” (BAUMAN, 2004, p. 27).

“Afim, se o amor de ‘boa qualidade’, o ‘amor de verdade’, não acontece rápido e fácil (como querem os tempos atuais), então, melhor ficar só.” (RIOS, 2008, p. 11). A solidão, que também é um estado psíquico necessário em muitos momentos da vida, neste caso torna-se um ideal de ser.

Sabemos que a falta de relações intersubjetivas autênticas impossibilita experiências de vida que são imprescindíveis para a felicidade do eu. Ou seja, a partir do momento, que eu não me permito sentir algo autêntico e desconhecido, no sentido de amar e tentar construir um relacionamento saudável com outrem baseado na concepção que somos completos e felizes conosco, e por isso devemos ser felizes juntos, nos enclausuramos e evitamos as dores do amor pelo outro, e afundamo-nos nas dores do vazio de si mesmo.

É sabido que o amar é trabalhoso e parece pouco o ganho - especialmente quando se vive em uma sociedade como a nossa, que nos cobra a busca por um estado utópico de prazer ininterrupto, que nos provoca a querer do outro, atitudes que nós mesmos não fazemos. Sabemos que há sofrimento no amor atualmente. Seja porque vemos no outro tudo o que nos falta de alguma forma e por termos a falsa sensação de que nessa parceria encontraremos aquilo que necessitamos, ou como Rios (2008) afirma, sofreremos por ter medo de que o outro goste menos de nós

e nos abandone, trazendo mágoa e sofrimento. Se não amamos, sofreremos porque não temos com quem compartilhar o que temos. Enfim, os indivíduos são seres faltantes, que procuram sempre sentir prazer, há correntes teóricas em psicologia que afirmam ser essa falta e essa busca pelo prazer a pulsão da vida, deste modo, sempre sofreremos em consequência da falta.

Entretanto, percebemos hoje atitudes de pessoas que não admitem se frustrar e criam barreiras protecionistas objetivando afastar qualquer possibilidade de prazer ou decepção frente a um relacionamento amoroso e, quando se permitem ter algum tipo de relação, coloca a condição desta, de ser efêmera e descartável. Evidentemente, cada ser humano tem direito a escolher com qual dos amores expostos acima, pretendemos escolher, ou se nenhum dos dois e, sim, a ausência deles. Enfim Rios (2008) nos remete a pensar que, atualmente, a terceira opção tem conquistado mais adeptos.

4. A FAMÍLIA COMO MODELO DE RELACIONAMENTO

Já estudamos nesse artigo sobre como o indivíduo observa e se coloca frente à concepção atual de amor, bem como inferimos de que maneira a cultura influencia este indivíduo a enxergar e interpretar os relacionamentos amorosos e seus desdobramentos. Agora estudaremos outra variável, que influencia diretamente o sujeito e sua colocação frente as suas relações: a intergeracionalidade.

A expressão intergeracionalidade é baseada nos estudos de Albert Bandura sobre a teoria da aprendizagem social, que se pauta no princípio da modelação para a aprendizagem da criança, “a partir da qual há transmissão de conhecimentos não só de modo formal, mas também pautado na observação do comportamento de adultos tidos como modelo.” (BAPTISTA, CARDOSO E GOMES, 2012).

Nesta vertente, acrescenta Carvalho e Almeida (2003), cabe aos pais ensinar aos seus filhos, os valores éticos e culturais, regras, papéis, crenças que um dia eles mesmos aprenderam de seus respectivos pais, transmitindo uma herança familiar que perpassa gerações. “A esse ensinamento de pais para filhos dá-se o nome de transmissão geracional, transgeracionalidade ou intergeracionalidade.” (Baptista, Cardoso e Gomes 2012, p. 1).

Os referidos autores consolidam a premissa citada, afirmando que na cultura ocidental, a família padrão nuclear, mesmo com diversas mudanças em sua constituição, geralmente é composta por marido, esposa e filho(s), e sua função básica é promover socialização e educação, prover financeiramente os seus membros, gerar proteção e afeto. Entretanto, seu papel não se restringe somente a essas questões, pois na dinâmica familiar as regras, os papéis, maneiras de se comportar, as obrigações são assimiladas por seus membros e, com o tempo, são também transmitidos valores éticos e culturais, crenças, sentimentos, condutas e afetividade.

Importante pontuar que os estudos de intergeracionalidade partem do pressuposto de que as influências da família não se restringem ao contexto nuclear, composto pelo marido, pela esposa e pelos filhos, mas extrapolam-se a outros familiares, uma vez que tanto o marido quanto a esposa, antes de transmitirem informações aos seus filhos, também às receberam de seus respectivos pais. Além disso, conforme esclarecem Baptista, Cardoso e Gomes (2012), na família nuclear atual, ambos os pais costumam estarem inseridos no mercado de trabalho e, em decorrência dessa situação, seus filhos ficam sob os cuidados de avós. Nesse sentido, as funções desenvolvidas pelos idosos podem ser variadas, sendo muitas vezes responsáveis por promover uma parcela importante no suporte e no aprendizado dos netos. “A maneira como os pais ensinam seus filhos a passar pelos momentos de crise, por exemplo, não depende somente da família nuclear, mas dos legados familiares deixados pelas gerações passadas”. (PENSO, COSTA E RIBEIRO 2008, p. 17).

Uma ressalva importante para a compreensão da intergeracionalidade é o fato de que durante as transmissões geracionais, podem ser feitas modificações criativas e transformações na herança geracional, ou se pode repeti-la. Isso implica em afirmar que sempre é seguido o modelo da família. Ou como um exemplo a não ser seguido (modificado), ou uma maneira de prosseguir e repetir a transmissão geracional.

Embora haja a influência da cultura consumista, já exposta neste artigo, existem pessoas que não se encaixam nesse tipo de perfil. Quando analisamos a ontogênese, a cultura e o contexto familiar, fica claro, que existe, uma grande influencia da transmissão geracional, quero dizer, a pessoa de certa forma reproduz

determinado tipo de comportamento por ter aprendido através da modelação e da concepção da intergeracionalidade que essa cultura que valoriza e manipula a pessoa a descartar aquilo que não te proporciona prazer - ou ainda que proporcione, quando o sujeito observa que outro objeto pode trazer mais prazer, é descartado o primeiro, e se escolhe a segunda opção – pode ser entendida como um modelo a não ser seguido.

Desta forma, ainda há um enorme número de pessoas que pensam e investem em relacionamentos duradouros, ainda que sejam bombardeados de maneiras explícitas e implícitas, através da mídia, do senso comum, do ambiente de trabalho, dentre outros. Para fazer o contrário, estas pessoas seguem a interpretação da cultura familiar, que visa à construção dos relacionamentos para que durem. Ainda que não estejam da maneira idealizada, procura-se consertar antes de qualquer coisa, fazendo com que o descarte seja a ultima opção a acontecer, reflete Baptista, Cardoso e Gomes (2012).

De acordo com a teoria da aprendizagem social de Albert Bandura, baseado no princípio da modelação, o contato social é por si só produtor de conhecimento e aprendizagem, uma vez que a criança tende a imitar o comportamento do adulto que ela toma como modelo.

Baptista, Cardoso e Gomes (2012) em suas reflexões sobre o principio de modelação de Bandura, observam que quando o repertório social da criança começa a ficar consistente, ela passa a selecionar quais tipos de comportamento repetir, de modo a reforçar positivamente as características que a estão modelando. Nos achados dos referidos autores, mesmo quando os filhos, ao se tornarem adultos, decidem transmitir exatamente o oposto do que aprenderam em suas gerações, é comum que essa busca pelo adverso acabe por fortalecer, na prática, a dinâmica familiar anterior que teoricamente se quer evitar.

Neste ponto, percebemos inclusive as pessoas que seguem o modelo consumista do descarte, tanto das relações quanto dos objetos, são motivadas pelo modelo que segue e interpreta ser o melhor para ela.

Portanto, fica claro que a família é uma peça chave para a compreensão dos comportamentos atuais, a maneira como é ensinada direta e indiretamente a afetividade, a maneira de se colocar e se comportar é em grande parte elaborada a

partir da observação dos pais ou dos responsáveis que desempenham tais funções, podendo, desta maneira, seguir ou modificar o modelo exposto pela família.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida pretendeu elucidar o panorama dos relacionamentos amorosos atuais. Para tanto, estudou-se o individualismo como ideologia predominante na pós-modernidade, bem como os ideais de amor, as práticas amorosas e a intergeracionalidade como variáveis pertencentes e de suma importância para a compreensão das novas características dos relacionamentos amorosos.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, percebemos que hoje existe a ideia de que somos os únicos responsáveis pelo nosso prazer. Essa concepção hedonista traz consigo a ideia consumista de que para ser feliz eu necessito ter objetos que me proporcionam prazer momentâneo. Essa necessidade fluida e superficial é encontrada não somente relacionada a objetos, mas também relacionada às pessoas.

A partir do momento em que aparece alguém mais interessante ou que o relacionamento atual precisa ser trabalhado a fundo para que dê certo, a opção comumente escolhida é terminar e procurar alguém que satisfaça as características que melhor lhe atraem. Neste exemplo, fica claro que os relacionamentos atuais seguem a lógica econômica da procura e oferta. Neste sentido, observamos que os sujeitos buscam determinada estabilidade e segurança no relacionamento, mas isso acontecerá caso seja proporcionada satisfação individual e qualidade na relação. Assim sendo, o vínculo amoroso deve ser negociado constantemente e, se o relacionamento privar demasiadamente as liberdades individuais, o contrato entre os parceiros pode ser quebrado. Caso não seja, provavelmente, o indivíduo irá procurar um relacionamento mais superficial para suprir essa falta não completada nem pelo relacionamento onde está inserido, e nem por ele (a) mesmo.

Chegamos, então, ao ponto de que o amor é visto hoje como uma moeda de troca. “Eu te amo e serei feliz com você, porque você vai me fazer sentir completo.” Como dito durante a pesquisa, essa ideia não é consciente, mas existe uma necessidade de completude que deveria ser suprida por cada um. Não deveríamos

colocar no outro a responsabilidade sobre a nossa felicidade, afinal somos uma laranja completa e não precisamos da outra metade, precisamos encontrar outra laranja completa para que possamos construir, de fato, um relacionamento saudável. Em verdade, observamos novamente a obrigatoriedade de sentirmos prazer constantemente, inclusive quando é dito que se ama alguém, pois há uma espera por algo em troca. Todavia, há muito mais em jogo do que o exposto. Encontramos durante a pesquisa correntes de pensamentos que expressam a não tolerância à frustração, que possuem medo de sofrer por amor, medo de ser abandonado e outros aspectos que colaboram para que a pessoa não queira se envolver mais profundamente.

Importante frisar que não temos a intenção de dizer o que é certo e errado e sim de esclarecer e pontuar o que está posto na nossa sociedade.

Mas o que dizer das pessoas que não se encaixam no que foi exposto acima? A resposta: Intergeracionalidade. A intergeracionalidade é um termo utilizado na abordagem da psicologia sistêmica que nos remete a pensar acerca dos modelos familiares que seguimos e temos como base de nossos comportamentos. Quando é dito base, é porque engloba tanto para ser reproduzido quanto para fazer diferente do modelo familiar. Desta maneira, a pessoa que prefere consertar objetos, ao invés de simplesmente trocá-los, ou a pessoa que luta para um relacionamento mais duradouro pode ser compreendido, entre vários fatores, de acordo com a sua percepção em relação a sua família.

Portanto, para finalizar gostaríamos de deixar claro que não temos o intuito de oferecer um parecer conclusivo acerca da temática, afinal além dos pontos abordados durante a pesquisa, existem outras variáveis, além do fato de que a generalização é um erro gravíssimo, principalmente quando nos referimos a seres em constante mudança, como os seres humanos. No entanto, a pesquisa pode servir para estimular a reflexão acerca do tema, dentro da perspectiva da psicologia, sociologia e filosofia.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Makilim Nunes; CARDOSO, Hugo Ferrari; GOMES, Juliana Oliveira. **Psicologia de Família: Teoria, Avaliação e Intervenções**. Porto- Alegre. Artmed. 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CARVALHO, I. M. M.; ALMEIDA, P. H. **Família e proteção social**. São Paulo Perspec. vol.17. nº.2. p. 109-122. 2003.

IMBELLONI, Michelle; SCHMITT, Sabine. **Relações amorosas na sociedade contemporânea**. 2011. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0583.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2015.

LIPOVETSKY, Gilles; **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo** / Tradução Therezinha Monteiro Deutsch – Barueri, São Paulo. Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles; **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas** / tradução Maria Lucia Machado. - São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MACHADO, Lia Zanotta. **Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v5n8/02.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2015.

PALMO, Jetsunma Tenzin. **Amor romântico e amor genuíno | Jetsunma Tenzin Palmo**. YouTube. Vídeo (4min14seg.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gjV5zaGd0gA>. Acesso em: 12 abr. 2015.

PENSO, M. A., COSTA, L. F., & RIBEIRO, M. A. **Aspectos teóricos da transmissão geracional e do genograma**. São Paulo: Summus. 2008.

RIOS, Izabel Cristina. **O amor nos tempos de Narciso**. Interface (Botucatu), Botucatu , v. 12, n. 25, p. 421-426, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832008000200016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 abr. 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos para sabedoria de vida**. 3ª edição, 2009. Ed. WMF Martins Fontes Ltda.

SOUZA, Jefferson Clifiton Nepomuceno de; SANTO, Luis Bruno de Meneses; SILVA, Antonieta Lira e Silva. **Sexualidade: Reflexões sobre Relacionamentos Amorosos na contemporaneidade**. 2009. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/2009/06/24/sexualidade-reflex-es-sobre-relacionamentos-amorosos-na-contemporaneidade/>. Acesso em: 01 fev 2015.

VIEIRA, Érico Douglas; STENGEL, Márcia. **Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós-Modernidade**. Aletheia, Canoas , n. 32, ago. 2010 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 mai. 2015.